**[Dólar chegará aos R$ 5 ou deve cair? Analistas divergem sobre a moeda](https://blogs.canalrural.uol.com.br/kellensevero/2018/08/21/dolar-chegara-aos-r-5-ou-deve-cair/)**

 Publicado por: Fábio Santos em 21/08/2018 às 18:25

 **138**  **5**  **2** Share**6**

O dólar[superou os R$ 4 no pregão desta terça-feira](https://canalrural.uol.com.br/programas/informacao/mercado-e-cia/economista-projeta-dolar-a-ate-r-5-com-avanco-de-nao-reformistas/), dia 21,  e atingiu a mais alta cotação em mais de dois anos, com valorização de 2% no dia, a R$ 4,0358. No radar do mercado estão, prioritariamente, as incertezas em relação ao cenário eleitoral, além do quadro de crise na Turquia e a Guerra Comercial. Aqui no Brasil, o avanço de candidatos considerados contrários às reformas econômicas em pesquisas de intenção de voto pode alimentar novas altas para a moeda estrangeira, já que o país apresenta grandes vulnerabilidades no quesito contas públicas e o mercado considera essencial para a recuperação da economia alguém que defenda cuidados com a área fiscal. Sem esses reparos, o risco país pode aumentar.

Para o economista da Nova Futura Corretora Pedro Paulo Silveira, o mercado coloca no preço dos ativos brasileiros a possibilidade de o candidato Geraldo Alckmin, avaliado como um nome pró-mercado, ir ao segundo turno. “Se isso não acontecer e Fernando Haddad (PT) for para o segundo turno com Jair Bolsonaro, é possível que o dólar fique entre R$ 4,20 e R$ 4,50, podendo subir para R$ 5,00 se Fernando Haddad ganhar ou voltar a R$ 3,70 se Bolsonaro sair vencedor”, analisou.

Há, no entanto,  quem seja mais conservador. Sem descartar o nervosismo que deve estar presente no mercado, o economista Roberto Troster acredita o dólar deve encerrar o ano com taxa abaixo da projetada pela pesquisa Focus do Banco Central, que aponta para R$ 3,70.

“A volatilidade do dólar preocupa e tem efeitos perversos na economia, deixando evidente a necessidade de se fazer ajustes na política cambial. Puxado pelo balanço de pagamentos, acredito em R$ 3,40”, disse o economista.

Já o economista do Banco Votorantim, Roberto Padovani, avalia que o mercado ainda deve cometer exageros motivado pela incerteza eleitoral. “O mercado financeiro está reprecificando seus cenários a partir de uma leitura de que as eleições serão mais competitivas, com um risco político mais alto. Além disso, temos eventuais exageros e disfuncionalidades de mercado, fazendo com que o dólar tenha comportamento errático nas próximas semanas”.

**E o agronegócio é mais prejudicado ou beneficiado pela alta do dólar?**

De acordo com o economista Fabio Silveira, da MacroSector Consultores, a alta do dólar mais ajuda do que prejudica, pela característica de país exportador que o Brasil possui. “A alta dos preços finais em reais é mais benéfica do que o aumento dos custos em moeda nacional. A alta do dólar mais favorece do que prejudica setores como a soja e a carne, por exemplo”.

O cafeicultor brasileiro também está sendo favorecido pela alta da moeda americana, que está neutralizando parte das perdas de valor do produto no mercado internacional. Na bolsa de Nova York, a commoditie atingiu a mais baixa cotação em mais de uma década nesta semana,no Brasil, no entanto, o cafeicultor sentiu menos os efeitos no bolso.

“A alta do dólar e a boa qualidade do café brasileiro são fatores que podem promover uma recuperação dos preços”, avalia Haroldo Bonfa, da consultoria Pharos.

 Veja no vídeo mais detalhes sobre o efeito do dólar no mercado de café:

 [**Dólar chegará aos R$ 5 ou deve cair? Analistas divergem sobre a moeda**](https://blogs.canalrural.uol.com.br/kellensevero/2018/08/21/dolar-chegara-aos-r-5-ou-deve-cair/)

 Publicado por: Fábio Santos em 21/08/2018 às 18:25

 **138**  **5**  **2** Share**6**

O dólar[superou os R$ 4 no pregão desta terça-feira](https://canalrural.uol.com.br/programas/informacao/mercado-e-cia/economista-projeta-dolar-a-ate-r-5-com-avanco-de-nao-reformistas/), dia 21,  e atingiu a mais alta cotação em mais de dois anos, com valorização de 2% no dia, a R$ 4,0358. No radar do mercado estão, prioritariamente, as incertezas em relação ao cenário eleitoral, além do quadro de crise na Turquia e a Guerra Comercial. Aqui no Brasil, o avanço de candidatos considerados contrários às reformas econômicas em pesquisas de intenção de voto pode alimentar novas altas para a moeda estrangeira, já que o país apresenta grandes vulnerabilidades no quesito contas públicas e o mercado considera essencial para a recuperação da economia alguém que defenda cuidados com a área fiscal. Sem esses reparos, o risco país pode aumentar.

Para o economista da Nova Futura Corretora Pedro Paulo Silveira, o mercado coloca no preço dos ativos brasileiros a possibilidade de o candidato Geraldo Alckmin, avaliado como um nome pró-mercado, ir ao segundo turno. “Se isso não acontecer e Fernando Haddad (PT) for para o segundo turno com Jair Bolsonaro, é possível que o dólar fique entre R$ 4,20 e R$ 4,50, podendo subir para R$ 5,00 se Fernando Haddad ganhar ou voltar a R$ 3,70 se Bolsonaro sair vencedor”, analisou.

Há, no entanto,  quem seja mais conservador. Sem descartar o nervosismo que deve estar presente no mercado, o economista Roberto Troster acredita o dólar deve encerrar o ano com taxa abaixo da projetada pela pesquisa Focus do Banco Central, que aponta para R$ 3,70.

“A volatilidade do dólar preocupa e tem efeitos perversos na economia, deixando evidente a necessidade de se fazer ajustes na política cambial. Puxado pelo balanço de pagamentos, acredito em R$ 3,40”, disse o economista.

Já o economista do Banco Votorantim, Roberto Padovani, avalia que o mercado ainda deve cometer exageros motivado pela incerteza eleitoral. “O mercado financeiro está reprecificando seus cenários a partir de uma leitura de que as eleições serão mais competitivas, com um risco político mais alto. Além disso, temos eventuais exageros e disfuncionalidades de mercado, fazendo com que o dólar tenha comportamento errático nas próximas semanas”.

**E o agronegócio é mais prejudicado ou beneficiado pela alta do dólar?**

De acordo com o economista Fabio Silveira, da MacroSector Consultores, a alta do dólar mais ajuda do que prejudica, pela característica de país exportador que o Brasil possui. “A alta dos preços finais em reais é mais benéfica do que o aumento dos custos em moeda nacional. A alta do dólar mais favorece do que prejudica setores como a soja e a carne, por exemplo”.

O cafeicultor brasileiro também está sendo favorecido pela alta da moeda americana, que está neutralizando parte das perdas de valor do produto no mercado internacional. Na bolsa de Nova York, a commoditie atingiu a mais baixa cotação em mais de uma década nesta semana,no Brasil, no entanto, o cafeicultor sentiu menos os efeitos no bolso.

“A alta do dólar e a boa qualidade do café brasileiro são fatores que podem promover uma recuperação dos preços”, avalia Haroldo Bonfa, da consultoria Pharos.

 Veja no vídeo mais detalhes sobre o efeito do dólar no mercado de café: